

As imagens da mineração do século XXI no Peru e sua representação social: do fotojornalismo ao imaginário¹

Carlos André Echenique Dominguez²

Universidade Federal de Pelotas

Resumo

Este artigo aborda a questão do ethos no fotojornalismo e a simbolização do imaginário que cria representações sociais nas relações dos camponeses e mineiros do Peru diante de um quadro de precárias condições de vida. Os registros fotográficos em distintos meios de comunicação e redes sociais provocam interpretações e entedimentos dos acontecimentos jornalísticos contemporâneos que permitem uma apreensão do natural distinta da percepção hegemônica nos grandes centros urbanos. Assim, uma imagem de um conflito, mesmo sem suas marcações textuais típicas do jornalismo, pode passar informações incontestáveis, como conflito e injustiça.

Palavras-chave

Fotojornalismo; imaginário; mineração; Peru; jornalismo ambiental



¹ Trabalho apresentado ao GP Fotojornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Jornalismo da UFPEL, e-mail: cadredominguez@gmail.com

O presente artigo busca tratar da questão do fotojornalismo em meios digitais, na cobertura de pautas ambientais que tenham relação com mineração na região da cordilheira dos Andes, no Peru. Para tanto selecionamos 4 exemplos de como fotografias jornalísticas podem circular na rede, com diferenças estruturais no uso de créditos, ponto de vista do fotógrafo, complexidade do acontecimento, pauta e inserção no meio a ser fotografado, comparando publicações comerciais tradicionais e publicações alternativas. Estas comparações buscam ir além da técnica jornalística e analisar a inserção do fotógrafo no ambiente e no imaginário do conflito abordado.

Iniciemos, assim, este artigo por uma simples leitura descritiva desta imagem, da esquerda para a direita. Onze homens com uniforme de polícia, com capacetes e escudos transparentes olham na direção de uma mulher que dobra o corpo para atender um corpo caído de criança que está estendido no chão com um braço esticado, indicando que está necessitando de cuidados ou desmaiado. A mulher veste uma tradicional saia e usa o chapéu de campesina que compõem a sua vestimenta típica. O rosto da mulher demonstra preocupação e parece examinar as condições do que está no chão, de quem não se vê o rosto. O rapaz usa uma blusa cinza. A mulher usa sai e blusa roxa, coberta por uma espécie de avental cinza, bordado e um chapéu cinza. Suas feições, de perfil, revelam um rosto de traços indiáticos, típico dos habitantes daquela região. Dos policiais, não é possível ver o rosto.

O corpo da mulher ocupa 1/3 do quadro da fotografia. No meio, muitas rochas quebradas fazem uma espécie de divisão muito baixa entre a polícia e a mulher e o rapaz caído. Ao fundo, percebe-se uma montanha de pedra. No chão, onde estão os policiais, a terra parece que está revolvida, revelando coloração marrom escurecido, como terra preparada para a plantação. Já a mulher está sobre um baixo pasto e macegas naturais. Da mulher também se nota a grande trança dos cabelos escuros que se estende sob suas costas, a mesma cor do cabelo do rapaz que está no chão.

Mesmo sem o contexto da edição jornalística e os elementos gráficos, diagramação e títulos, textos e legendas, a imagem denota um conflito. É um conflito de muitos (policiais) contra poucos (mulher e rapaz). Um conflito de uniformes e vestuários estrangeiros com armas e escudos contra saias, bordados, botinas e chapéus usados pela representante dos povos originais. Seguindo as direções dos olhares percebe-se que os policiais olham em direção da mulher, que está a poucos metros do grupo. Eles estão

parados. Com as mãos baixas e os longos escudos translúcidos apoiados no chão. Observam e esperam, como que avaliando o resultado de uma ação anterior. Olham em direção a mulher e o corpo caído. Mas não esboçam nenhuma nova ação. Apenas contemplam, como as rochas do chão. Já a mulher não olha para o grupamento de policiais. Se rosto está voltado para o corpo no chão. Ela leva as mãos ao rapaz e parece que vai virá-lo de barriga para cima. Seu olhar está fixo no chão. E sua boca entreaberta denota preocupação. A mão visível do que está no chão é pequena indicando que a figura desmaiada não tem muita idade. Os pés da mulher estão firmes no chão, usando pesados calçados de coró, com grossas meias de lã nas canelas.

Esta imagem não estava veiculada a um jornal tradicional. Estava em uma publicação na rede *Facebook*, ligada a *Wauqi Prensa Popular* (<https://www.facebook.com/wauqi.prensapopularperu/>). A fotografia faz referência à violência no interior do Peru. A página define-se como um *Colectivo que informa y debate, sobre nuestra cultura y el cambio social*. A única referência à imprensa em si está na palavra *prensa*. Não há crédito para jornalistas. Procurando mais referências a algum fato, em postagens da data de 14 de maio de 2016, encontro postagens sobre uma greve (*paro*) de mineiros. Acompanha esta postagem um manifesto e várias fotos sobre os incidentes na província de Aprumac, no complexo de mineração Las Bambas. Assim, o contexto mais provável da imagem que abre este artigo é a questão das minerações e a exploração do trabalho dos mineiros. Veja um exemplo a seguir da mesma publicação.



A fotografia publicada na página do Facebook do Wauqi Prensa Popular, sem créditos para o fotógrafo. Mostra grupo de mineiros parados em protesto contra empresa de mineração.

Da mesma época, temos o jornal *La República* que publicou muitas matérias sobre o tema, que aparentemente foi pauta na imprensa peruana por vários anos.



Imagem usada em reportagem especial que busca explicar as causas dos conflitos em Las Bambas. Jornal La República, 27 março 2019, sem crédito informado.

Assim, uma fotografia inicial levou este pesquisador a começar um processo de investigação usando as ferramentas digitais de busca, páginas de redes sociais e sites de dois jornais tradicionais do Peru, El Comercio e La República. O primeiro tem poucas informações, apenas as de viés econômico quando do lançamento dos projetos de mineração. O segundo apresenta uma boa cobertura dos conflitos. Desnudou-se para mim um imenso conflito social até então pouco conhecido para os meios de comunicação brasileiros. Quase não existem referências ao conflito nos principais portais de notícia do Brasil. No site G1, da Globo, apenas uma notícia deste ano, de 1-4-2019, que fala sobre a intenção do governo do Peru de retirar o estado de emergência na região, por conta dos conflitos com a população da cidade de Fuerabamba, que bloqueia as vias de escoamento dos minérios (cobre, ouro, bronze) desta que é hoje a maior mina do Peru e uma das maiores do mundo.

Trajectoria das imagens e simbolização

Queremos destacar neste artigo a seguinte trajetória de uma imagem jornalística. Uma foto impactante em rede social abriu as portas da curiosidade jornalística e revelou um mundo até então inexistente para meu ponto de vista. O conflito entre os moradores e as empresas de mineração é muito antigo no Peru, onde tudo é muito antigo. Foi uma fotografia da rede social a porta de entrada para este universo. No caso, pouco importava se era um conteúdo publicado em site jornalístico e produzido por um fotojornalista. O que despertou o interesse foi àquela foto em si, os sentidos que a imagem despertou. A simbolização que chegou aos meus olhos em meio à avalanche de imagens de um *feed* de notícias de rede social. E este é o ponto que queremos problematizar. Porém, antes disso, vou descrever o restante do trajeto de pesquisa.

Na matéria publicada no G1, um texto da agência de notícias Reuters, traz duas fotos, uma da fotógrafa da Reuters, Mitra Taj e outra do arquivo da Reuters, da fotógrafa Mariana Bazo.



Fotografia de Mitra Taj mostra cartaz de protesto pela prisão de líder comunitário de Fuerabamba, Gregório Rojas Paniura, preso após ação policial contra bloqueios dos comboios da empresa de mineração.



Fotografia de arquivo, sem data definida, mostra instalações criadas para população das comunidades atingidas pelo impacto da mineração em Las Bambas.

As duas imagens da agência internacional de notícias são quase insípidas. São imagens que mantem-se longe de uma disputa sangrenta e de intensa resistência das comunidades tradicionais quanto à invasão de suas terras pela indústria da mineração. Na primeira, apenas um cartaz e três mulheres campesinas sentadas no chão com uma criança. Na segunda, grupos de mulheres indo em direção a um agrupamento de casas populares novas ao fundo. Não há conflito aparente nas imagens, apenas nas narrativas textuais que acompanham a publicação.

A trilha de referências digitais, *hiperlynks* e *wikipédias* levaram a outras duas surpreendentes reportagens sobre a mineração no Peru, ambas falando de uma mina de ouro na cidade mais alta do mundo, *La Rinconada*. A primeira é o case de abertura de uma longa reportagem sobre as minas de ouro do século 21, da famosa revista National Geographic. Embora as fotos da reportagem sejam do conhecido fotógrafo Randy Olson, nenhuma das escolhidas para a edição da revista são do Peru. A segunda é uma reportagem autoral de Andre Vltchek, jornalista freelancer que foi por conta própria ao lugar de mineração acima dos 5 mil metros de altura. Bem-vindos ao inferno: A cidade mineira de La Rinconada, no Peru Este foi o título do artigo de Vltchek, publicado originalmente em <https://www.rt.com/op-ed/454486-la-rinconada-hell-mining-peru/>.

Vltchek mostra um cenário assustador em La Rinconada. O ínfimo valor da vida humana dentro de uma exploração escravista, na qual os mineiros trabalham 29 dias para a empresa para ter um dia de mineração em seu proveito. Tudo isso envolto a doenças, violência, roubos, prostituição, miséria, fome, falta de perspectiva, ausência do poder público. Ao jornalista interessa mostrar o sofrimento do mineiro indígena e sua total falta de perspectiva. Na reportagem da National Geographic, o tema é mais amplo e busca mostrar toda a cadeia produtiva do ouro em diversos países do mundo, começando pelo Peru. Como não foram publicadas fotografias, ilustro com as imagens textuais da reportagem:

Como muitos de seus ancestrais incas, Juan Apaza é possuído pelo ouro. Descendo em um túnel gelado a 17.000 pés de altitude nos Andes peruanos, o mineiro de 44 anos de idade enfia um pedaço de folhas de coca em sua boca para se preparar para a inevitável fome e fadiga. Por 30 dias a cada mês, Apaza trabalha sem pagar, no fundo desta mina escavada sob uma geleira acima da cidade mais alta do mundo, La Rinconada. Por 30 dias, ele enfrenta os perigos que mataram muitos de seus companheiros mineiros - explosivos, gases tóxicos, colapsos de túneis - para extrair o ouro que o mundo exige. Apaza faz tudo isso, sem pagamento, para que ele possa chegar até hoje, no 31º dia, quando ele e seus companheiros mineiros recebem um único turno, quatro horas ou talvez um pouco mais, para tirar e manter tanta rocha quanto seus ombros cansados podem suportar. Sob o antigo sistema de loteria que ainda prevalece nos altos Andes, conhecido como o cachorro, é isso que se traduz em um contracheque: um saco de pedras que pode conter uma pequena fortuna em ouro ou, muito mais frequentemente, muito pouco. (LARMER, 2009, p.1)

Entre as quatro fotografias mostradas a seguir existem mais semelhanças nos aspectos de enquadramento e de uso técnico da luz. As de Gonzales são de um fotógrafo que está mais perto do acontecimento. Suas fotos focam mais no elemento humano, o mineiro em sua jornada fatigante, por lugares arriscados. Já as de Vltchek são paisagens.

Ele afirma no texto que era vigiado pelos guardas das minas e que usou lentes zoom para roubar as imagens, como se diz no jargão de fotógrafo. Vltchek também revela a preocupação de demonstrar a questão da poluição e degradação ambiental, bem como as péssimas condições de moradia de La Rinconada. Já Gonzales está colado nos mineiros. Mostra seus rostos, evidenciando os tipos humanos e as emoções do árduo e perigoso trabalho.



A parte superior de La Rinconada.



As quatro imagens anteriores são do garimpo de La Rinconada. As duas primeiras são do jornalista Andre Vltchek. A quarta e a quinta são do site de imagens Alamy Stock Photos, do fotógrafo peruano Alberto Gonzales.

Os critérios de noticiabilidade clássicos do Jornalismo estão presentes no desastre ambiental e humano que é a mineração no Peru de hoje. Os valores bilionários do ouro, o trabalho escravo dos mineiros para as grandes empresas de mineração, multinacionais européias, norte-americanas e chinesas. A catástrofe ambiental do uso do mercúrio, o acúmulo de lixo e ausência de saneamento, a vida precária em locais sem as mínimas condições de sobrevivência. Trabalho escravo, destruição de famílias inteiras, poluição, pobreza, miséria, violência, morte e ganância formam o cadinho de valores notícias que se encontram expressos em imagens fortes e belas. Estas fotografias mostram a vastidão da cordilheira e o ser humano, ínfimo diante da desolação e falta de estrutura para viver e trabalhar. Os registros dos fotojornalistas evidenciam a insensatez e a ganância de um processo desprovido de regra e lei, nenhuma preocupação com o

ambiente e destruição de pessoas e lugares pela cobiça do ouro. Um inferno gelado nas alturas dos Andes.

Silenciamento e construção da realidade

Espalhadas no universo digital das redes e sites, as fotografias sobre a problemática questão da mineração formam um mosaico triste da destruição ambiental de uma região histórica e culturalmente muito importante para a América do Sul. Mas também retrata a luta dos camponeses e mineiros (*comuneros*) das comunidades ancestrais em buscar melhores condições de vida. E aí o fotojornalismo é importante para dar um maior respaldo a estas questões. Somando as publicações jornalísticas ao uso de redes sociais, a tragédia peruana da mineração rompe o silenciamento institucional promovido pelas mineradoras internacionais, grande imprensa e pelo governo peruano. As mídias alternativas e independentes, juntos das redes sociais, são a única voz para os *comuneros*.

Como bem observa Alsina (2009, p. 46) sobre a construção social da realidade e, por conseguinte, da notícia, é ela um processo “[...] ao mesmo tempo, social e intersubjetivamente construído.”. Diz Alsina que a atividade jornalística tem um papel socialmente legitimado para gerar construções da realidade publicamente relevantes. Diante da notícia incontestada, as imagens dos fotojornalistas registram, hoje, um conflito de raízes muito anteriores. A riqueza das montanhas em metais e minérios movimentava a região há milênios. De acordo com uma antiga lenda da civilização Chimu³, litoral norte do Peru, foi Naylamp que trouxe do mar (Oceano Pacífico) a sabedoria para a metalurgia dos metais e a criação de artesanias em ouro e prata. Os Chimus, depois de erguerem cidades e templos finamente ornados com metais foram obrigados a aceitarem a dominação do nascente Império Inca. Humilhados pelo Inca Pachacutec, que obrigou a população a migrar e saqueou as riquezas para ornar o templo do Sol (Inti), Coricancha, em Cusco, os Chimus remanescentes teriam sido os responsáveis por, anos depois, guiarem os espanhóis de Pizarro até Cusco. Tudo movido pela febre do ouro. E

³ Naylamp, Naymlap o Ñañlap es un personaje mitológico del Antiguo Perú. De acuerdo a relatos recogidos por cronistas españoles, provino del mar, trayendo la civilización a las tierras lambayecanas (norte del actual Perú), donde fundó un reino o señorío en el que se sucedieron varios reyes (cultura lambayeque), antes de ser conquistado por los chimús. In: <https://es.wikipedia.org/wiki/Naylamp>. Ver também Kauffmann Doig, Federico: Historia y arte del Perú antiguo. Tomo 3, pp. 401-412. Lima, Ediciones PEISA, 2002

como fica o imaginário de um fotojornalista diante desta comoção histórico-mitológica. Uma questão interessante. Para buscar algum esclarecimento busco outros elementos teóricos além das Teorias do Jornalismo e Fotojornalismo.

Passamos aqui a referenciar aspectos das Teorias do Imaginário para buscar uma contextualização mais ampla desta reflexão. É curioso que uma das reivindicações dos *comuneros* seja referente peça textualmente respeito à cosmovisão andina avassalada pelo projeto minero de *Las Bambas: Kay Pacha, Ukhu Pacha Y Hanan Pacha*⁴. Este detalhe demonstra que há mais questões em jogo, pois deste ponto de vista, o sub-solo, o solo, o ar são propriedades dos povos ancestrais e originários, em uma Nota de Imprensa do Comitê de Luta das Comunidades Campesinas das Províncias *Cotabambas* e *Graú-Apurímac*. Este ponto da pauta de reivindicação denota questões ancestrais das populações da região. É justamente esta cosmologia baseada em mitos fundadores como o de *Nay-Lamp* citado anteriormente que produzem imaginários únicos e complexos junto a estas comunidades, com valores e signos muito distintos dos que movem a exploração capitalista de modelo ocidental das empresas de mineração. A guerra da conquista, 500 anos depois, ainda persiste. E, este conflito, esta expresso em algumas das fotografias selecionadas neste artigo, em especial na primeira delas. Justamente a que tem menos informações formais e textuais é a que confere ao pensamento do analista, mais elementos formadores de opiniões, ou seja, informações que formam um mosaico de sentidos, pela percepção nem sempre racional da cena. É a emoção que ganha forma. O mitema do bem comum, típico das culturas andinas, está relacionado ao culto do sol, o uso comum da terra e de seus frutos alimentados pelo sol e pelo mãe-terra, *Pacha Mama*. O campo epistemológico do jornalismo poderia ser resignificado ao buscar o sensível em variações e lembranças de imagens presentes neste mitema ao se deixar simbolizar por estes valores. Estes modos de vida estão descritos no livro *O Bem Viver* (ACOSTA, 2016), do equatoriano Alberto Acosta e representa a atualização de costumes originais para os dias de hoje. O modo de vida que se opõe a matriz predatória da mineração e preserva a natureza local como um bem comunitário. Um contraponto a

⁴ Kay Pacha, Ukhu Pacha e Hanan Pacha são os três mundos da cosmologia Inca. Hanan Pacha era o reino superior que incluía o céu, o sol, a lua, as estrelas, os planetas e constelações (de particular importância a via láctea) foi chamado de hanan pacha (em Quechua) ou alaxpacha (em Aymara). Ukhu Pacha é Ukhu pacha (alternativamente urina pacha (em quíchua)), manqhapacha ou manqhipacha (em Aymara) é o mundo interior. Ukhu pacha é associado com os mortos, bem como com a nova vida. Por fim Kay Pacha Kay pacha (em Quechua) ou aka pacha (em Aymara) o mundo perceptível onde pessoas, animais e plantas habitam. Kay pacha é freqüentemente impactada pela luta entre hanan pacha e ukhu pacha. In.: [https://en.wikipedia.org/wiki/Pacha_\(Inca_mythology\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Pacha_(Inca_mythology))

colonização ocidental capitalista. Uma forma de fugir da neurose da modernidade. Por este modo de vida comum, os *comuneros* não desistem e lutam a mais de 500 anos.

Ao falar sobre a neurose da civilização ocidental, Gilbert Durand afirma que ela advém de uma deficiência da função simbólica fazendo submergir o princípio da individuação. Este processo poderia acontecer a partir de duas maneiras. A primeira seria a em que “...a dominância das pulsões instintivas que já não conseguem simbolizar conscientemente a energia que as anima e, então, o indivíduo, longe de se personalizar, separa-se do mundo real (autismo) e toma uma atitude a-social, impulsiva e compulsiva” (Durand, 1993, 58). E a segunda maneira é a em que “o equilíbrio é interrompido a favor da consciência clara e, então, assiste-se a um duplo processo de liquidação – liquidação do símbolo que se reduz a signo, liquidação da pessoa e de sua energia constitutiva metamorfoseada num robot mecânico animado apenas pelas razões do consciente social vigente” (Durand, 1993, 58).

Estas duas noções expressas por Durand, aplicadas ao caso específico do jornalismo e a composição de seu ethos⁵ diante da complexa problemática que corrói a credibilidade da imprensa de forma geral, nos levam a hipótese da necessidade de ampliar a significação e individuação pela inserção no natural em toda a sua abrangência (paisagem, cultura, imagem). A peculiaridade do olhar é decisiva para qualquer ciência em qualquer cultura. Como bem disse Groth, falando do Jornalismo e do que o caracteriza, um “modo e contemplação” (GROTH, 2011, p. 33). Um ethos próprio. No transe de sua origem e seu destino, o homem encontra o sagrado. O natural pode levar o jornalista ao transe de sua origem. E lá, vislumbrar imagens (inquietações) do destino. O imaginário se banha na natureza, o natural pode fornecer imagens. É na linguagem jornalística que, usando o termo de Lévi-Strauss, que se forma uma determinada *images mundi*. A paisagem passa a ser ambiente quando repleta de cultura e história. Entendemos ambiente em um sentido amplo. É onde nasce, vive e morre a espécie humana. O ciclo vital dos seres vivos em sua complexidade original (MORIN, 1988) sem as simplificações das classificações da ciência ocidental do modelo cartesiano que produziu, hoje, o sistema binário digital.

⁵ Para Sodré (2008), a noção de ethos advém de duas Categorias – forma social (Georg Simmel), e forma de vida (Wittgenstein) –, podendo ser detalhada como ambiente cognitivo que o dinamize, unidade dinâmica de identificação de um grupo, modo de relacionamento com a singularidade própria. No ethos atuam a forma social e a de vida, como formas simbólicas que, historicamente, orientam o conhecimento, a sensibilidade e as ações do indivíduo.

Trago Jean-Jaques Wuneburger para esta discussão. O filósofo refaz a trajetória do pensamento sobre a imagem em seu texto a *Árvore das Imagens*. Diz Wuneburger: “o presente é mentalmente inseparável do passado e do futuro e, portanto, de um conjunto de representações que são imagens no sentido estrito, ou seja, representações em ausência do referente” (WUNEBURGER, 2017, p.2). Esta afirmação remete para a situação em análise, onde passado e presente se perpassam. Prossegue o autor dizendo que “a imagem é, portanto, intimamente ligada à possibilidade de constituir uma representação do real. Dito de outro modo, de constituir o real tal como ele se dá a nós sob o plano fenomenal” (WUNEBURGER, 2017, p.2). Foi nesta representação do real que o fotojornalismo ganhou *status* de verdade para Jornalismo. Mas o teórico vai mais longe ao mostrar que a imagem é mais do que um registro formal de um fato do real.

Bachelard (1960) e Bergson (1959) foram, deste ponto de vista, particularmente perspicazes sobre esta continuidade entre o devaneio e a percepção. Passa-se, assim, por níveis seguidamente insensíveis de imagens determinadas por informações primeiras a outras imagens mais determinadas por lembranças, afetos, desejos ou verbalizações poéticas. Perdendo a atenção sobre o conteúdo empírico imediato e objetivo, a consciência substitui o real por uma espécie de irreal, mesmo se este último é constituído de percepções passadas e, portanto, por elementos emprestados da experiência (WUNEBURGER, 2017, p.3)

A formação de um *ethos* jornalístico necessita da paixão e da emoção que o natural oferece ao pensamento humano, formando novas linguagens e outros discursos. Outros saberes para outra leitura do mundo, onde não é mais o progresso econômico embasado na ciência que domina a formação de sentidos. Um imaginário revigorante, além das recorrentes crises sistêmicas do capitalismo tardio. As comunidades andinas tem o mitema do bem comum como central em sua cultura. Já no ocidente, por meio de algumas ciências de ponta, a cooperação começa a ganhar a posição da competição capitalista. Tal formulação desmonta os até então sólidos argumentos da competitividade adotados pelo capitalismo clássico como metáfora para a sua própria justificação: “só os mais fortes sobreviverão”, “é necessário competir para triunfar”, entre outros lemas que estão incorporados à cultura ocidental e são repetidos como mantras. O físico Fritjof Capra (2006) em seu livro *A Teia da Vida* apresenta um mantra distinto, baseado na própria organização dos sistemas vivos no planeta, bilhões de anos mais antigo e existente até hoje em todos os seres vivos, inclusive os seres humanos.

Nesta perspectiva, a cooperação e a “criatividade inerente a todos os sistemas vivos” são os fatores que garantiram a diversidade natural sempre crescente. Esta é a mudança que queremos destacar. A nossa evolução está ligada à cooperação, não à competição. E este ponto é importante para o Jornalismo. Diz ele (2006, p. 182): “[...] a evolução não pode ser limitada à adaptação de organismos ao seu meio ambiente, pois o próprio meio ambiente é modelado por uma rede de sistemas vivos capazes de adaptação e criatividade. Portanto, o que se adapta ao quê? Cada qual se adapta aos outros – eles co-evoluem”. É necessário semear pelos campos infundidos do simbólico as leituras silenciadas do mundo, deixadas de lado com a colonização da América para os rincões de fundo de mato que habitam os filhos da civilização do futuro.

Outras simbolizações e o instante decisivo

Esta análise de imagens de diferentes tipos de veículos e publicações mais ou menos centradas no jornalismo clássico, aponta que o fotojornalismo necessita de uma real imersão no universo da pauta a ser retratada para conseguir produzir uma simbolização distinta da lógica comercial das empresas jornalísticas. Esta imersão, conduz o ser humano ao seu nascer, a sua fonte de sentido, a miríade de sentidos possíveis. É levar o *ethos* jornalístico ao um mergulho profundo no mundo não-ocidental. Um devaneio em outros sentidos e mitologias.

O devaneio não é, no entanto, redutível a um simples jogo de imagens consideradas como quadros, como signos do real. Sua face visual, assim como seu suporte verbal, dão também às imagens uma capacidade de aumento das significações previamente atualizadas pela consciência em presença do mundo. A imagem, enquanto signo denotativo, ativa, então, pela consciência, associações de significações novas que ultrapassam o sentido literal próprio aos referentes empíricos. (WUNEBURGER, 2017, p.4)

O fotojornalismo do século XXI precisa estar em sintonia com a sociedade do século XXI. O fotojornalismo precisa saber o que ele sabe e como ele sabe. Em outras palavras, o fotojornalismo precisa analisar seu próprio *ethos* para poder sintonizar sua energia com a vibração sonora do hoje. E o diapasão do ambiente afirma que há uma gigantesca falha em toda organização social dominada pela economia industrial e pós-industrial das corporações transnacionais. Faz-se necessário entrar de cabeça no devaneio da América profunda. E aumentar em muito as significações das imagens.

Além de crises. Como bem coloca o sociólogo norte-americano Robert Park é necessário um empenho ainda maior para estudar o Jornalismo, atividade que já na época da virada do século passado sofria críticas e enfrentava crises rotineiras muito semelhantes às atuais. Diz Park:

Então, qual o remédio para a atual condição do jornal? Não há remédio. Humanamente falando, os jornais presentes são tão bons quanto possível. Se os jornais devem melhorar, isto virá através da educação do povo e da organização da informação política e inteligência. (Park, 2008, p. 50).

Park situou a notícia em um local imaginário entre a razão e o instinto. Um meio de caminho que confere à notícia naturezas diferenciadas para cada pessoa que a recebe, de acordo com a distância em que ela se encontra de maneira territorial, temporal e psíquica do acontecimento que é noticiado. Com as imagens do fotojornalismo o percurso é semelhante. Uma simbolização distinta, onde o fotojornalista produza imagens que estejam ligadas a outras culturas e mitologias. Para isto é preciso pensar no instante decisivo. A expressão “instante decisivo” foi cunhada por um dos maiores fotógrafos de todos os tempos. Era assim que o francês Henri Cartier-Bresson (2015) definia o exato instante em que um fotógrafo escolhia para realizar uma fotografia de modo que qualquer cena, por mais comum que fosse, tivesse:

[...] um novo tipo de plasticidade, produto das linhas instantâneas tecidas pelo movimento do objeto. O fotógrafo trabalha em uníssono com o movimento, como se este fosse o desdobramento natural da forma, como a vida se revela. No entanto, dentro do movimento existe um instante no qual todos os elementos que se movem ficam em equilíbrio. A fotografia deve intervir neste instante, tornando o equilíbrio imóvel. (Cartier-Bresson, 2015, p. 1).

Em se falando de fotojornalismo, argumento neste texto que existem neste ofício “instantes decisivos” que fazem com que determinado acontecimento seja ou não reportado e, também, que definem a maneira como este acontecimento será tratado na produção jornalística. Além dos aspectos técnicos da fotografia, pensamos o enquadramento como o momento em que o imaginário atua no ofício do fotógrafo, ao este permitir uma simbolização distinta. É o que vimos na foto anônima que abre este artigo. Aconteceu naquele exato momento um “instante decisivo”. E uma nova simbolização foi possível.

Ao olhar para a foto da mulher e do rapaz caído no chão, percebo que o sentido e a simbolização formada de sua contemplação recebeu mais elementos depois desta

trajetória. Porém, seu cerne e essência de valores ainda significam os princípios da primeira visualização. Conflito e injustiça. É possível ampliar o contexto da significação, mas a emoção que a imagem oferece se mantém para o meu olhar.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARTIER-BRESSON, H. **O Imaginário segundo a natureza**. São Paulo: Editora Gustavo Gili do Brasil, 2015.

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LARMER, Brook; OLSON, Rudy. **The Real Price of Gold**. National Geographic Society, 2009. Disponível em <https://www.nationalgeographic.com/magazine/2009/01/gold/>

LEVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo, Papyrus, 1989.

PARK, Robert. **História natural do Jornalismo**. In: MARROCO, Beatriz; BERGER, Christa (org.). *A era glacial do Jornalismo: teorias sociais da imprensa: pensamento crítico sobre jornais*. Porto Alegre: Sulina, 2008, Vol 2.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **A Árvore das Imagens**. Revista Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 41, p. 58-69, jan./abr. 2018.